



EDUCAÇÃO, EXÍLIO E REVOLUÇÃO: O CAMARADA

PAULO FREIRE

EDUCATION, EXILE AND REVOLUTION: COMRADE PAULO

FREIRE

César Ferreira da Silva¹

Resumo: O artigo apresenta ao leitor o percurso político-pedagógico de Paulo Freire juntamente com sua esposa Elza Freire e seus filhos no exílio pelas Américas, Europa e África (1964-1980), a partir de experiências e narrativas (auto)biográficas, vividas no Brasil e em África. As autoras apresentam que o exílio político promoveu diásporas, reconversões identitárias, militâncias e processos de mudança, nos percursos individuais e coletivos da família Freire, destarte trazem ao leitor uma entrevista jornalística inédita concedida em África, aliam tempo, espaços, caminhos do Educador Popular Paulo Freire ao processo do Golpe Militar, sofrido pelo até então presidente João Goulart (1964), decorrência a qual levou Paulo Freire e família ao exílio político, e posteriormente a sua experiência que iria aliar a educação de adultos com revolução.

Palavras Chave: Educação Popular. Exílio. Ditadura Militar. Paulo Freire. Elza Freire.

Abstract: The article presents the reader the political-pedagogical journey of Paulo Freire together with his wife Elza Freire and their children in exile in the Americas, Europe, and Africa (1964-1980), based on (auto)biographical experiences and narratives lived in Brazil and Africa. The authors show that political exile promoted diasporas, identity reconversions, militancy and processes of change in the individual and collective journeys of the Freire family. They also bring to the reader an unprecedented journalistic interview granted in Africa, link time, spaces, and paths of the Popular Educator Paulo Freire to the process of the Military Coup suffered by the then president João Goulart (1964), a consequence which led Paulo Freire and his family to political exile, and later to his experience that would combine adult education with revolution.

Keywords: Popular Education. Exile. Military dictatorship. Paulo Freire. Elza Freire.

¹ Bacharel em Psicologia (2017), especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2019). Licenciado em Pedagogia (2022). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP (2022). Pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA-FE/UNICAMP). Assistente Editorial na Editora Diálogo Freireano e membro do corpo Editorial na Editora Livrologia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9433-0462>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4542126716535526>. E-mail: cesarfs.dasilva@gmail.com

MAZZA, Débora.; SPIGOLON, Nima. I. **Educação, exílio e revolução: o camarada Paulo Freire.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, v. 3, n. 7, p. 203-220, 26 abr. 2018.

Debora Mazza é professora da Faculdade de Educação da Unicamp, pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha Educação e Ciências Sociais e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas, Educação e Sociedade (GPPES). Autora e escritora de várias obras na interface Sociologia e Educação, pensamento social brasileiro, Florestan Fernandes, e Estado, Políticas e Educação. Já Nima I. Spigolon é professora da Faculdade de Educação da Unicamp, credenciada no programa de Pós-Graduação em Educação e Coordenadora do Mestrado Profissional em Educação Escolar. Coordenadora e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA) e pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Políticas, Educação e Sociedade (GPPES). É escritora e estudiosa das temáticas Educação de Jovens e Adultos, Paulo Freire e Elza Freire, formação de professores, políticas públicas, ditadura e exílio brasileiro.

O artigo apresenta ao leitor o percurso político-pedagógico de Paulo Freire e sua esposa Elza Freire no exílio Brasileiro (1964-1980), a partir de experiências e narrativas (auto)biográficas, vividas no Brasil e em África. As autoras apresentam que o exílio político promoveu diásporas, reconversões identitárias, militâncias e processos de mudança, nos percursos individuais e coletivos da família Freire, destarte trazem ao leitor uma entrevista jornalística inédita concedida em África, aliam tempo, espaços, caminhos do educador popular Paulo Freire ao processo do Golpe Militar, sofrido pelo até então presidente João Goulart (1964), decorrência a qual levou Paulo Freire e família ao exílio político e, posteriormente, a sua experiência que iria aliar a educação de adultos com revolução.

O exílio propiciou à família Freire muitas andanças, chegando a trabalhar em três continentes², com Alfabetização e Educação de Adultos. Mazza e Spigolon (2018) apontam que em época de desmonte do Estado de direito e de inflexão social conservadora, recobrar o percurso de Paulo Freire no exílio e compreender os processos que transformaram o educador popular em camarada revolucionário é uma forma de se indignar contra as muitas formas de opressão e resistir dentro dos limites da ordem democrática.

² Americano, Europeu e Africano. Vale destacar aqui que o casal Freire trabalhou diretamente com a alfabetização de Adultos nos países Africanos recém-independentes da colonização portuguesa tais como: Angola, Cabo-Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe.



Nesse contexto, as autoras convidam o leitor há partilhar de suas proposições, tais quais encontram-se divididas no texto em cinco partes, sendo elas: na primeira parte nomeada como “*Golpe de 1964: Início do Exílio*”; na segunda parte as autoras convidam o leitor a explorar as “*Ditaduras, utopias e sentimentos do exílio*”; já na terceira parte apresentam como “*Américas, Europa e África: tempos e espaços no exílio*”; adiante na quarta parte “*Educação e Revolução o Camarada Paulo Freire*”; e na quinta e última parte as “*(In)Conclusões: Não djunta mô*”.

Ao iniciar a leitura pela primeira parte, “*Golpe de 1964: Início do Exílio*”, as autoras narram o percurso político/social do exílio sofrido pela família Freire, os afastando do Brasil entre os períodos de 1964 a 1985. Ressaltam ainda que o exílio é um mecanismo de exclusão política, e de terrorismo de Estado, que desenvolve papel fundamental nas configurações das relações nacionais, latino-americanas e mundiais (COSTA et al, 1980; YANKELEVICH, 2007). Adiante, salientam a importância do trabalho de Paulo Freire e sua equipe nos processos de alfabetização ou semialfabetizados, que compreendiam: 1) investigar suas condições de vida e a linguagem cotidiana utilizada; 2) levantar o universo vocabular; 3) extrair as palavras geradoras; 4) elencar a riqueza silábica e o conteúdo existencial das palavras geradoras para os educandos; 5) organizar as fichas de cultura (slides, iconografias ou cartazes) com representações de cenas do mundo da natureza e do mundo da cultura; 6) alimentar os círculos de cultura com diálogos entre educadores-educandos potencializados pela reflexão da pessoa humana como criadora de cultura na relação com a natureza (MAZZA; SPIGOLON, 2018).

Devido à ousadia de suas experiências político-pedagógicas, surgem então apontamentos governamentais, pós-golpe (1964), que levaram Paulo e sua família ao exílio. A rapidez nessa deliberação sugere o perigo que representava para o novo governo a proposta que Paulo e Elza elaboraram e implementaram. (BEISIEGEL, 1974; SPIGOLON, 2016).

Já na segunda parte do texto, “*Ditaduras, utopias e sentimentos do exílio*”, as autoras apresentam ao leitor as experiências, sentimentos e utopias advindas do período ditatorial e de exílio vividos por Paulo Freire, conjuntamente com sua esposa Elza Freire e pelos cinco filhos do casal³. As reflexões e inflexões das experiências de Paulo iniciadas no Brasil alentam as propostas político-pedagógicas durante o exílio (MAZZA; SPIGOLON, 2018, p. 209). Exemplo de elucidação dessas vivências e sentimentos construídos no exílio, as autoras narram ao leitor no seguinte trecho, “O exílio, sob os auspícios da ditadura, preconiza um período sombrio da história do Brasil e de países da América Latina.” (MAZZA; SPIGOLON, 2018, p.

³ As três Marias: Maria Madalena Costa Freire, Maria Christina Costa Freire, Maria de Fátima Costa Freire, Joaquim Costa Freire e Lutgardes Costa Freire.

209). Após 1964, Paulo Freire fundamenta suas propostas político-pedagógicas, ampliando o entendimento face à radicalização humanizante de seu pensar.

Na terceira parte, as autoras apresentam ao leitor o encontro das “*Américas, Europa e África: tempos e espaços no exílio*”. Essa parte narra as movimentações da família Freire durante o período de exílio em que moraram em diversos países das Américas, Europa e África. Como ponto de partida, inicialmente via América do Sul, primeiro destino a receber muitos perseguidos pela ditadura brasileira que, de lá, passam a circular pelas Américas, Europa e outros continentes que explicitam as múltiplas saídas e chegadas, características das circulações, diaspóricas que desenham espaços de vida (CORTES; FARET, 2009). Nesse contexto, Mazza e Spigolon (2018) corroboram que Paulo e a família deslocaram-se por territórios, ajuntando-se a apátridas, ampliando horizontes de trabalho, desenhando contatos com outras culturas e esboçando inserções em tempos e espaços de educação, exílio e revolução.

Para as autoras, foi durante o exílio que Paulo Freire sistematiza sua proposta junto à Educação e, particularmente à de Adultos, com adaptações do que aconteceu no Brasil e incorporações do que foi realizado em muitos países, vinculado a instituições, organizações e partidos (MAZZA; SPIGOLON, 2018). Outrossim, nesse período a vida e obra de Freire configuraram-se por tempos, espaços, lugares, tais quais passam por Américas: Brasil, Bolívia, Chile e Estados Unidos; Europa: Suíça; e outros países em que se inseriu profissionalmente – África: Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e São Tomé e Príncipe. Esta composição fomentou a construção do camarada. (MAZZA; SPIGOLON, 2018).

Adiante, as autoras fazem uma compilação desse que é um dos mais importantes períodos de aprendizado de Freire e sua Família, e narram cronologicamente, identificando seis grandes marcadores no desenvolvimento e na disseminação de sua práxis: a) as influências das experiências com adultos analfabetos no Brasil, sua fundamentação, sistematização e concretização, do final de 1950 em diante; b) a implantação do “Método Paulo Freire”, a partir da realidade latino-americana e a escrita da Pedagogia do Oprimido, no Chile, em 1968; c) a atuação acadêmica em Harvard e as apropriações do multiculturalismo nos Estados Unidos; d) o trabalho problematizando questões de identidade cultural, social e política, residindo na Suíça; e) os deslocamentos político-pedagógicos e ideológicos, por meio da militância nos movimentos revolucionários de libertação das colônias portuguesas, a partir de 1975, através das inserções em África; e f) o retorno ao Brasil, com a anistia e o fim do exílio, em 1980 (MAZZA; SPIGOLON, 2018). As autoras concluem que o fato dessas experiências oriundas

do exílio, conjuntamente com sua práxis político-pedagógica, por espaços nacionais e internacionais, recobre a Paulo Freire a despertar do “*Camarada Paulo Freire*”.

Chegando na quarta parte, intitulada “*Educação e Revolução: o Camarada Paulo Freire*”, as autoras publicizam uma importante entrevista de Paulo Freire concedida ao Jornal “*Nô Pintcha*”⁴, no ano de 1977. A fonte documental dessa entrevista foi localizada em pesquisa realizada na Biblioteca Pública do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), em 2013, Guiné-Bissau, África (SPIGOLON, 2014, p. 288). Para elucidar ao leitor, as autoras trazem trechos inéditos a partir do qual associam o pensamento político-pedagógico do “*Camarada Paulo Freire*” com educação e revolução. Vê-se, na íntegra, um trecho dessa associação:

Jornalista: A revolução e a educação são necessárias ao homem, elas interligam-se na obra mais bela da nossa época – a formação do Homem Novo. O que pensa o camarada Freire?

Paulo Freire: A revolução é em si educativa. O camarada Amílcar dizia: “A luta de libertação é um facto cultural e um fator de cultura”. Há uma unidade indissolúvel entre a revolução e a educação. A revolução propaga [...], na massa popular [...], um processo de formação. Por exemplo: o processo de disciplina, de camaradagem durante a luta, na própria capacidade que o guerrilheiro vai adquirindo para se defender do inimigo, ao mesmo tempo que vai aprendendo um pouco de cultura que não conhecia. Por outro lado, estimula a educação, que é um fator essencial na revolução. Há uma ligação íntima entre a revolução e a educação. Portanto, a unidade entre a revolução e a educação é tão grande, que quando citamos a primeira estamos a dizer a segunda e, quando falamos em educação revolucionária logo é a revolução. (FREIRE, 1977, p. 05).

Tais associações apresentadas pelas autoras remetem-nos ao que diz Paulo Freire: “Há uma unidade indissolúvel entre a revolução e a educação.” (FREIRE, 1977, p. 05). Nesse contexto, as autoras vislumbram e acreditam na unicidade desse pensamento como advento utópico entre a práxis freiriana com a união de educação e revolução.

Na quinta e última parte do texto, apresentada ao leitor como sendo as “(In)Conclusões: *Nô djunta mô*”⁵, a abordagem apresentada pelas autoras esta cunhada na autobiografia dos processos vivenciados em períodos de ditaduras militares e Exílio Latino-Americano, Europeu

⁴ Expressão das etnias de Guiné-Bissau que, em crioulo, quer dizer “Empurremos! Vamos em frente”. Nome do primeiro jornal do Estado, depois da independência, e do primeiro caderno de Educação Popular e Educação de Adultos, elaborado por Paulo e Elza Freire e as equipes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

⁵ Expressão das etnias de Cabo Verde que em crioulo quer dizer “todos de mãos dadas” e que nomeou a Campanha e o Manual de Alfabetização para Adultos elaborado por Paulo e Elza Freire e as equipes dos PALOP.

e Africano, por Paulo Freire, Elza Freire e filhos (1964-1985), levam a família e o Educador Popular ao encontro político-pedagógico da educação e revolução. Espaços, tempos, caminhos adjuntos a outros exilados em decorrência do Golpe de 1964, que depôs o até então Presidente João Goulart, cristalizam cicatrizes político-sociais, que Paulo e Elza transformam em impulso norteador para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de sua práxis pedagógica e concomitantemente no despertar do “*Camarada Paulo Freire*”.

O exilado político brasileiro, em tempos e espaços de educação, exílio e revolução, converte-se no Camarada Paulo Freire e ante o debate contemporâneo é referência na memória daqueles que lutam pela extinção do analfabetismo. (MAZZA; SPIGOLON, 2018, p. 217). Os camaradas têm em comum o ideal de que, por meio da educação para todos, se consolidaria a independência dos novos países e a participação democrática da população na vida nacional. (MAZZA; SPIGOLON, 2018, p. 217). No vislumbre revolucionário da educação, as autoras conseguiram encontrar equilíbrio teórico-metodológico, para poder levar ao leitor a feitura de narrativas memorialísticas, que em dias de hoje constituem mais do que nunca, proposições para pensarmos juntos com olhar revolucionário que o atual momento político social demanda, horizontes de utopia e esperança.

REFERÊNCIAS

- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado de educação popular**. São Paulo: Pioneira, 1974.
- CORTES, Geneviève; FARET, Laurent. La circulation migratoire dans “l’ordre des mobilités. *In*: ARAB, Chadia et al. **Les circulations transnationales**. Lire les turbulences migratoires contemporaines. Paris: Armand Colin, 2009, p. 7-19.
- COSTA, Albertina de Oliveira et al. (Orgs.). **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, Paulo. Há uma unidade indissolúvel entre a revolução e a educação. Entrevista. *In*: **Jornal “Nô Pintcha”**, Bissau, Guiné-Bissau, ed. 09 de abril, p. 05, 1977.
- MAZZA, Débora.; SPIGOLON, Nima. I. Educação, exílio e revolução: o camarada Paulo Freire. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 3, n. 7, p. 203-220, 26 abr. 2018.
- SPIGOLON, Nima Imaculada. **Pedagogia da convivência: Elza Freire – uma vida que faz educação**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.



SPIGOLON, Nima Imaculada. **As noites da ditadura e os dias de utopia – o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979**. 2014. 506 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

YANKELEVICH, Pablo. Introducción. *In*: YANKELEVICH, Pablo; JENSEN, Silvina. (Orgs.). **Exilios: destinos y experiencias bajo la dictadura militar**. Buenos Aires: Libros Del Zorzal, 2007, p. 09-20.

Recebido em: 17 out. 2022
Aprovado em: 08 nov. 2022

